

1. O contraste do tempo europeu e o mesoamericano e sua exploração no processo civilizatório

Luís Alves Tsolakis

Letícia Amarante Cardoso¹

RESUMO: Abordaremos neste artigo questões relativas ao tempo nos primórdios da globalização, envolvendo os mesoamericanos e os espanhóis. Serão apresentadas suas respectivas noções de tempo e como seu contraste foi ressaltado durante o processo de encobrimento ocorrido durante o período de colonização. Considerando que o tempo é inato à experiência humana, mas é possível domina-lo de maneira que esse se molde em favor de suas relações socioculturais e ambições como forma de violência e dominação. Uma prática utilizada no período colonial e que a Academia tem conhecimento sobre tal, porém é pouco explorada teoricamente pela mesma.

Palavras-chave: Europa; Mesoamérica; tempo; colonização; alteridade.

¹ Graduandos do curso de História do Centro Universitário de Brasília (UniCeub).

Toda concepção da história é sempre acompanhada de uma certa experiência do tempo que lhe está implícita, que a condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz. Da mesma forma, toda cultura é, primeiramente, uma certa experiência, do tempo, e uma nova cultura não é possível sem uma transformação desta experiência. Por conseguinte, a tarefa original de uma autêntica revolução não é jamais simplesmente “mudar o mundo”, mas também é antes de mais nada “mudar o tempo”.

Giorgio Agamben, 2008

1.Introdução

A cultura europeia tem sido a mais difundida por todo o planeta. Dentre seus costumes a noção de tempo é uma das mais adotada e naturalizada em todo o mundo globalizado, tenha sido por meio de processos violentos (colonização, imperialismo, guerras) ou por demandas socioeconômicas (expansão do sistema capitalista, urbanização, entre outros). Mas quais foram as diferentes noções de tempo que essa perspectiva cristã-europeia substituiu? Como foi que isso se sucedeu? Como essa diferença foi acentuada durante o processo civilizatório?

Primeiramente é necessário entender que a mente humana, *in natura*, tem certa experiência de tempo, mas não sua representação, que só viria a se formar a partir de uma concepção ontológica do tempo utilizando construções sociais.

No atual México, antes da chegada dos espanhóis, os povos que ali viviam tinham uma perspectiva de passagem do tempo completamente diferente antes e após um processo de domínio tanto territorial quanto cultural promovido pelos conquistadores. Esses conquistadores utilizaram-se das diferenças entre suas perspectivas temporais como mecanismos no processo de civilização e de encobrimento da alteridade como afirmação de sua identidade.

Assim, será apresentado neste artigo as noções de tempo indo-mexicanas e a noção de tempo europeia, reforçando suas diferenças e como elas foram exploradas ao longo do processo de colonização dentro de um discurso civilizatório eurocêntrico. Apresentando as consequências e resultados na mentalidade dos espanhóis que vieram e os indígenas que restaram.

Busca-se também discutir como o domínio sobre o tempo e sua apreensão influencia diretamente na forma dos indivíduos relacionarem entre si e com o universo, mediante ao que foi mencionado por Norbert Elias, "O indivíduo ao crescer, aprende a interpretar os sinais temporais usados em sua sociedade e a orientar sua condução em função deles", (ELIAS: 1998). Dito isso, será possível afirmar que o indivíduo acaba por se limitar ou ser limitado de acordo com a forma com que sua sociedade coordena as relações entre os homens por meio do tempo?

Portanto, dividira-se o artigo em quatro partes da seguinte maneira. Na primeira parte serão apresentadas as noções de tempo para os indígenas da Mesoamérica. Na segunda parte será mostrada a perspectiva de tempo europeia, oriunda da fusão dos círculos hebraico e greco-romano. Na terceira parte a discussão se centralizará no contraste entre as culturas ibéricas e mesoamericanas, contraste esse que se mostrou eficaz no contexto de colonização do sec. XV – XIX por meio de um discurso evolucionista e cristão de subjugação dos povos frente à ascensão europeia como centro mundial e histórico. Por fim, uma rápida reflexão à falta de aprofundamento que se tem sobre o tempo e sua relação com a violência etnocêntrica.

2. Noção de tempo mesoamericana: astros e retorno

Para se compreender o processo de colonização na perspectiva de captura da percepção temporal do outro como estratégia, é necessário entender seu funcionamento e suas articulações de organização social. Com isso, desenredara-se à priori a noção de tempo dos povos que viviam no "Novo Mundo" a partir de uma explicação descritiva do que se tem conhecimento.

O calendário mesoamericano consiste em trabalhar com dois ciclos. Um, o *tonalpohualli*, uma combinação entre 13 números e 20 signos totalizando um ciclo de 260 dias. O *tonalpohualli* era empregado para, não só contar e nomear os dias, mas também atribuir-lhes pontos positivos ou nefastos. Atribuições no sentido de que cada signo e número tinham diferentes cargas, algo como qualidades ou máculas temporais, e esses aspectos místicos davam a todos os seres e aos dias, o seu *tonalli*, uma espécie de espírito. Essa é uma característica das concepções temporais mesoamericanas que irá permear todo seu sistema de medição temporal: contar numericamente, mas sempre atribuindo qualidades.

Essas atribuições místicas afetavam diretamente a vida cotidiana dos povos mesoamericanos. A carga que o dia possuísse afetaria as pessoas que nascessem nele e os eventos nele ocorridos. Tal concepção era tão arraigada na mentalidade coletiva mesoamericana que uma das profissões mais consultadas era a de adivinho. Como apresenta Todorov, Durán aponta:

"Quando nascia um menino ou uma menina, o pai ou pais do bebê iam imediatamente à casa dos astrólogos, feiticeiros ou adivinhos, que havia em abundância, pedindo-lhes que determinassem o destino do menino ou menina recém-nascida. (...) O astrólogo e feiticeiro adivinho pegava o livro dos destinos e o calendário. Vendo a natureza do dia, enunciava profecias, tivera a sorte e estabelecia o destino, favorável ou desfavorável, da criança, consultando uma folha de papel, sobre a qual estavam pintados todos os deuses que adoravam, cada qual no espaço que lhe era reservado. (...) Era possível saber se a criança seria rica ou pobre, valente, corajosa, ou covarde, sacerdote ou homem casado, ladrão ou bêbado, moderado ou lascivo - todas essas coisas podiam ser vistas nesses desenhos", (DURAN, *apud* TODOROV, 1982).

O outro ciclo utilizado na contagem do tempo mesoamericano era o de anos sazonais, cujo se tinha como duração padrão 365 dias².

A cada 18980 dias os ciclos de anos sazonais e o *tonalpohualli* se encontravam fechando uma série de 52 anos com nomes distintos (18980 dias totalizam 52 ciclos de 365 dias e 73 ciclos de 260 dias). Essa série era denominada *xiuhmolpilli*, que quer dizer atam-se, enlaçam-se ou entrelaçar dos anos. Após esses 52 anos a nomenclatura dos anos começaria a se repetir.

Essa serie construía a ideia de turno, de realizar ou carregar algo por um determinado período, uma das concepções temporais mais importantes no mundo mesoamericano. Estes turnos serviam para uma coordenação social da população organizando a vida comercial, política, administrativa e até mesmo o destino dos mortos.

² “Há polemicas sobre o funcionamento dos mecanismos de correção do ano calendário de 365 dias – ou ainda sobre a existência de tais mecanismos -, que fariam com que as épocas e principio desse ano continuassem a manter uma relação estável com as estações climáticas do ano sazonal real, cuja duração é aproximadamente de 365 dias e um quarto.” (SANTOS, 2009)

Usar a ideia de turno também transmitia bem a ideia de transformação - nada duraria para sempre, tudo teria o seu fim e seria substituído por algo relativamente semelhante, mas ainda distinto do antecessor.

Havia também a concepção de que o mundo havia passado por diversas eras, geralmente chamadas de *sóis* e frequentemente encerradas por acontecimentos cataclísmicos, que, muitas vezes podiam ser previstos dado a atribuição de cargas místicas ao dia, como já apontado anteriormente (dependendo da versão são descritos quatro ou cinco *sóis*).

Cada *sol* não estava isolado ou era autossuficiente em relação aos demais, isto é, nenhum dos *sóis* havia começado do zero - manifestado uma série de criações e terminado por completo. Na verdade, cada novo *sol* absorvia elementos do anterior, assim o *sol* atual englobava parte de todos os anteriores. Por exemplo, é muito comum se falar de homens que sobreviveram aos cataclismos dos *sóis* anteriores e se transformarem em animais que povoaram os *sóis* subsequentes.

Essas criações e destruições de *sóis* era uma teomaquia³. Porém, ao contrário do pensamento dicotômico atual, esses deuses e outros seres místicos não possuíam papéis determinados ou exclusivos, tais como os de criadores e destruidores, ou de amigos e inimigos dos humanos.

A duração de cada *sol* seria regida pelos ciclos de 52 anos sazonais, pois as quantidades de anos mencionadas nos relatos cosmogônicos para a duração de cada idade são, em geral, um múltiplo desse ciclo. Sendo que esses *sóis* poderiam vir a durar milhares de anos, não tendo um prazo fixo.

É bem plausível inverter essa relação e dizer que os ciclos calendários de 52 anos teriam essa duração por supostamente corresponder a esse ritmo de criações, transformações e destruições do mundo, como apresenta Santos.

3.Noção de tempo europeia: progresso e redenção

³ Teomaquia: confronto entre deuses. Os humanos podem participar desses conflitos também, porém os deuses são os protagonistas. É comum as consequências desses conflitos caírem sobre os humanos, visto que nas teomaquias, geralmente, os deuses envolvidos tomam partido de facções humanas.

Por conseguinte, um breve destrinchamento da noção de tempo europeia por meio de uma linha descritivo-histórica das teorias abordadas sobre o tema.

O tempo ocidental, até meados do século XVI, tinha três grandes influências: a concepção aristotélica do período clássico, a noção cristã e, ainda em período de enraizamento, a progressiva monetarização do mercado mundial que expande o capitalismo colonial/moderno, (QUIJANO, 2005).

Grande parte dessa concepção tem influência do pensamento aristotélico. Essa influência se dá principalmente pelas leis de números que se utiliza para denominar o tempo que veio através da física, onde Aristóteles descreve o tempo como um *continuum* pontual, infinito e quantificado. Como o próprio Aristóteles definiu, o tempo seria um “número em movimento conforme o antes e depois”. Sua continuidade é concebida através de sua divisão em instantes e o instante nada mais seria do que a continuidade do tempo, uma divisa entre futuro e passado.

Outra grande colaboradora para a noção de tempo europeia foi à concepção cristã que se baseia na noção judaica que vê o tempo como uma linha reta. O mundo foi criado no tempo (Gênesis) e vai acabar no tempo (Apocalipse). A criação do mundo, do homem e o juízo final são apenas eventos que levaram ao derradeiro Paraíso. Todos os eventos ocorridos nessa linha temporal são únicos e insubstituíveis, sendo esse universo também único, não eterno ou infinito. Essa linha que é o tempo tem uma direção e sentido irreversíveis, indo da criação ao fim dos tempos e tem como ponto central a vinda de Cristo a Terra.

Tal concepção também tinha o intuito de sobrepular a concepção pagã anterior dos povos europeus. Como colocava o próprio santo Agostinho o tempo é uma *via recta*, frente à eterna repetição do paganismo, na qual nada é novo. A *novitas* cristã, em que tudo acontece sempre apenas uma vez, seria o contraponto cristão. A história da humanidade se assemelharia bastante a uma história da salvação, onde há uma busca contínua pela redenção objetivando o encontro com Deus.

O tempo não dependia diretamente dos astros do cosmo, como era para os gregos, mas emanava diretamente de Deus. Porém a concepção do tempo como uma sucessão de instantes pontuais perdurou. A adesão ao pensamento aristotélico seu deu majoritariamente com a teologia escolástica.

A influência dessa acumulação primitiva foi bastante evidenciada em meados do século XIII quando surgem diversas alegações de que as pessoas estavam “vendendo o tempo”. Um monge da ordem dos dominicanos, Etienne de Bourbon, afirmou que “usuários só vendem a esperança do dinheiro, isto é, o tempo; eles trocam o dia e noite por moedas”, (BOURBON *apud* SENNETT, 2001).

O crescente número de endividamentos, algo até então inédito, afetava diretamente a capacidade donativa da população, não lhes permitindo ajudar seus semelhantes. Logo se concluiu que quem se afundava em dívidas não participaria da história de Cristo. Esse grande número de endividamentos e consequente evasão das atividades donativas eram visto como um sinal da eminente Segunda Vinda de Cristo.

Como observa Jacques Le Goff: “Os camponeses submetem-se (...) às condições meteorológicas, ao ciclo das estações, mas bastam minutos ou segundos para que surjam ou desapareçam fortunas”, (LE GOFF *apud* SENNETT, 2001). Seria a conclusão do processo civilizatório na Europa, como coloca Norbert Elias. Estariam os europeus prontos para subjugar os povos a partir do momento que tomam a responsabilidade de angariar mais almas para Deus e buscar novos comércios em outras partes do globo.

4.O contraste da experiência do tempo como brecha da dominação do outro

Os mares e oceanos são geograficamente limites e barreiras da expansão e dispersão natural do ser humano. Entretanto, este fator não impediu que culturalmente esses se desenvolvessem tecnologicamente para serem capazes romperem e avançar influenciados pela curiosidade e necessidade. Diversos são os casos de dispersões humanas pelo mundo, mas as mais influentes são a expansão marítima espanhola e portuguesa, por volta de 1420, que dão o primeiro passo à modernidade e globalização do mundo.

A noção de tempo europeia influenciou diretamente na inferiorização de outras culturas, como é explícito em sua expansão marítima e territorial e o choque cultural entre europeus e povos da Mesoamérica. A Europa assumindo-se como centro do mundo, tanto histórico como geograficamente, apresenta-se como única salvação dos povos bárbaros e selvagens. Porém num discurso de ser única capaz de banir a barbaridade e

civilizar. Civilizar, não buscar a igualdade natural dos povos, estes considerados distintos pela raça.

Sabendo-se que a classificação social na ideia de raça também é fruto desse novo padrão de poder mundial propagado pela Europa, o eurocentrismo, segundo Quijano. Uma forma de justificar as relações de dominação que a conquista exigiu para legitimar a imponência dos conquistadores frente aos conquistados.

Assim, pertinentemente, definiram-se os conceitos de "civilização", "barbárie" e "selvageria" importantes conceitos históricos utilizados na colonização e subjugação dos povos mesoamericanos num período de formação e afirmação da Europa como eixo do mundo e da História Mundial. Portanto, marca-se a constituição da primeira fase da Modernidade, caracterizada principalmente pela alteridade, relação e afirmação do "eu" a partir do encontro com o "outro", especificamente, o europeu frente aos outros povos (DUSSEL, 1993).

Pensar nas terminações civilização e barbárie implica numa diversidade de conceitos históricos de representação de uma identidade e o inverso dela, que não raro se entrecruzam desde a Antiguidade grega à atual Europa e numa América antes mesmo de ser colonizada.

Na Mesoamérica se encontra no vocabulário de alguns povos que ali habitavam a palavra "popoloca", que também se refere ao sentido primário de "bárbaro", o estrangeiro, diferente. Palavra utilizada pelos astecas, ou como se autointitulavam "mexicas", para denominar os espanhóis a partir do momento que reconhecem seus reais interesses e que não são deuses, e sim indivíduos com costumes e conhecimentos distintos como apresentado nas crônicas indígenas apresentadas no livro "A conquista da América vista pelos índios" de Miguel Leon Portilha, (1984).

Já na Europa o bárbaro seria inicialmente o "não-grego" sentido que se modificou ao longo do tempo e do espaço. Mas especificamente, na época de sua expansão marítima e processo civilizatório o contato com outros povos, seu reconhecimento e sua conquista que dá o primeiro passo à Modernidade eurocêntrica. Reconfigurando os sentidos de barbárie e selvageria que tomam um caráter de racialidade, racismo e de justificações da religião cristã como salvadora da alma e do corpo.

Por assim dizer, a modernidade e seus descobrimentos só fazem sentido ao mundo Europeu em primeiro instante, e as terras e os povos conhecidos pelos europeus jamais brotaram do nada. Pois também, é a Europa que sai ganhando, como a Espanha que

encontra no “Novo Mundo” meios de manter unificada sua nação que se sustenta por frágeis ligações, que é explicitado por Bosch Gimpera na fala de Leopoldo Zea "A única evidência, disse Bosch Gimpera, é a unidade geográfica da península, que obriga aos diversos povos que ali se encontram a uma só solidariedade, uma irmandade e uma espécie de cultura comum", (ZEA, 178: 1990).

Ao "descobrirem" esta e outras culturas distintas, o europeu significa e hierarquiza-as da civilização à barbárie, constituindo-se como centro do poder e dotada de mérito de dominação sobre elas a fim de socorrê-las dessa selvageria e barbárie, rumo ao tempo cristão, civilizado e progressista. Estas culturas tornando-se sinônimos do passado e reduzidas "em uma só identidade: índios. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa", (QUIJANO, 2005).

Bárbaro seria então o incivilizado, violento, preso à natureza, homem das selvas (selvagem) e irracional, também, aquela cultura ou seres que tem mais dificuldade de aceitarem e serem civilizados pelo cristianismo e a cultura europeia, mais bárbaros são. Portanto colonizar o indígena e escravizá-lo o impossibilita de manter seus ritos que caracterizam sua vida cotidiana, e corresponde a praticamente total eliminação dos ídolos, a qual sua concepção de tempo é vinculada assim, destruída em nome da razão. Total eliminação numa visão teórica, pois a resistência foi um fator indissociável neste processo, muitos mantiveram seus costumes "clandestinamente" através de diversos sincretismos, miscigenações, também aderindo à cultura europeia como forma de resguardar a sua, como a apropriação da língua e escrita europeia, e em alguns casos adotando essa nova cultura falsamente, mantendo, em seu lar, seus costumes. Além da resistência física em si – levando-se até mesmo a morte - muitas vezes se manifestou por meio do suicídio coletivo.

Essas concepções de tempo em choque se comunicaram, contudo o resultado não foi uma interação verdadeira. Os espanhóis utilizaram-se da sua noção de tempo em comparação à asteca para justificar sua superioridade pela não ligação à natureza, esta que afirmam ter dominado a favor do homem e da ilustração, e de seu discurso salvacionista. Firmando a repressão através da disciplina a favor de seus anseios com a inserção de valores e padrões promovidos pela colonização do imaginário, do corpo, do universo e relações intersubjetivas do que se dão através da manipulação do tempo. Contra um povo de cultura ritualizada, super-interpretada e interligada ao universo.

A noção de tempo asteca, como foi apresentada e nos dizeres de Todorov, é cíclica e ordenada, em que tudo é previsível, assim tudo é previsto e pressagiado pelo calendário e escrituras. "A profecia tem raízes no passado, já que o tempo se repete, o caráter positivo ou negativo dos dias, meses, anos e séculos futuros é estabelecido a partir de uma busca intuitiva de um denominador comum com os períodos correspondentes do passado", (TODOROV, 1982). Portanto, um ponto relevante e oportuno aos espanhóis, já que sua noção de tempo ruma ao futuro, reconhecendo a vinda do novo, do inédito e da revolução.

"Essa instância histórica expressou-se numa operação mental de fundamental importância para todo o padrão de poder mundial, sobretudo com respeito às relações intersubjetivas que lhe são hegemônicas e em especial de sua perspectiva de conhecimento: os europeus geraram uma nova perspectiva temporal da história e re-situaram os povos colonizados, bem como a suas respectivas histórias e culturas, no passado de uma trajetória histórica cuja culminação era a Europa", (QUIJANO, 202: 2005).

Cria-se assim, um novo mito de movimento e mudança unilinear e unidimensional da história humana que reforçou e reproduziu a necessidade de colonização dos povos pelos europeus que deve ser desmoralizada por meio do reconhecimento do uso da violência e dominação.

5. Conclusão

Apesar de ser vastamente conhecida no meio acadêmico a falta de estudos a respeito dos povos subjugados, não foram encontradas muitas discussões teóricas a respeito de noção de tempo mesoamericana, esta trabalhada apenas em nível de descrição, mesmo que mais atuais. Especialmente se tratando de obras em português, como também o estudo do tempo de forma mais crítica visando-a como uma instituição social.

Resultado diferente quando foi procurado sobre a noção de tempo europeia, o que transparece a necessidade do pensamento latino-americano em meio acadêmico de se desvincular da academia europeia e eurocêntrica para uma história que prime por trazer a superfície outras concepções até então marginalizadas.

Por fim, esse artigo é uma proposta teórica que tem como ambição abrir novas discussões e possibilitar que mais pessoas pesquisem sobre o tema a fim de esclarecer

questões a respeito da europeização mundial introduzida no período de expansão marítima e d'uma América pré-descobrimento.

6. Referências

AGAMBEN, Giorgio. Infância e História: destruição da experiência de origem da história. Humanistas, 2008.

DUSSEL, Enrique. 1492: o encobrimento do outro. A origem do “mito da modernidade”. Editora Vozes. 1993.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Zahar, 1998.

GRUZINSKI, Serge. A passagem do século: 1480-1520: As origens da globalização. São Paulo. Companhia das Letras.

LEON-PORTILLA, Miguel. A conquista da América Latina vista pelos índios. Petrópolis: Vozes. 1984

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e ciências sociais. "In": LANDER, Edgar (org.) Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLASCO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

RETAMAR, Roberto Fernández. Algunos usos de civilización y barbarie y otros ensayos; Buenos Aires; Contrapunto; 1989.

RIBEIRO, Darcy. O processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização.

SANTOS, Antônio Carlos dos; PIRES, Cecília Maria Pinto; HELFER, Inácio(org.). História e Barbárie. Aracaju: Editora.

SENNETT, Richard. Carne e Pedra. Rio de Janeiro e São Paulo: Record. 2001.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. Além do eterno retorno: Uma introdução as concepções do tempo dos indígenas da Mesoamérica. "In:" Revista USP, São Paulo, n.81, p.82-93, março/maio 2009.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América; a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

ZEA, Leopoldo. Discurso desde la marginación y la barbarie. México: Fondo de Cultura Económica. 1990.